

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

SOCIO-EMOTIONAL COMPETENCIES IN THE NATIONAL COMMON CURRICULAR BASE (BNCC)

COMPETENCIAS SOCIOEMOCIONALES EN LA BASE CURRICULAR COMÚN NACIONAL (BNCC)

Teresa Magalhães de Araújo Carneiro¹
Alexandra Moreno Pinho²

RESUMO: Diante da necessidade de manter o bom equilíbrio socioemocional para uma convivência saudável na sociedade atual, ressalta-se a importância de competências no contexto educacional. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tais competências ajudam em uma formação com base em uma humanização ética dos alunos, preparados para conviver consigo mesmo e com os outros. Buscou-se, através de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, analisar os aspectos estruturantes das competências socioemocionais para fortalecer as bases teóricas dos professores do Ensino Fundamental I, visando que tal conhecimento seja enriquecedor para a prática diária dos docentes e dos profissionais em educação.

458

Palavras-chave: Competências Socioemocionais. BNCC. Professores. Alunos. Educação. Humanização. Ética.

ABSTRACT: Given the need to maintain a good socio-emotional balance for a healthy coexistence in today's society, the importance of skills in the educational context is highlighted. According to the National Common Curricular Base (BNCC), such skills help in training based on an ethical humanization of students, prepared to live with themselves and others. We sought, through qualitative bibliographical research, to analyze the structuring aspects of socio-emotional skills to strengthen the theoretical bases of Elementary School I teachers, aiming for such knowledge to be enriching for the daily practice of teachers and education professionals.

Keywords: Socio-emotional Skills. BNCC. Teachers. Students. Education. Humanization. Ethics.

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia (UNEB), pós-graduação em Psicopedagogia (Universidade Luterana do Brasil), curso Gestores Escolares (PROGESTÃO), mestranda da College Educaler University.

² Doutora em Educação (Universidade de Barcelona), Mestre em Terapia Corporal e Psicomotricidade (Universidade de Barcelona), licenciada em Pedagogia (UCSAL), professora e orientadora da College Educaler University.

RESUMEN: Ante la necesidad de mantener un buen equilibrio socioemocional para una convivencia saludable en la sociedad actual, se destaca la importancia de las habilidades en el contexto educativo. Según la Base Curricular Común Nacional (BNCC), tales habilidades ayudan en una formación basada en una humanización ética de los estudiantes, preparados para vivir consigo mismos y con los demás. Se buscó, a través de una investigación bibliográfica cualitativa, analizar los aspectos estructurantes de las habilidades socioemocionales para fortalecer las bases teóricas de los docentes de Educación Primaria I, buscando que dichos conocimientos sean enriquecedores para la práctica diaria de docentes y profesionales de la educación.

Palabras clave: Habilidades Socioemocionales. BNCC. Maestros. Estudiantes. Educación. Humanización. Ética.

INTRODUÇÃO

Evidencia-se que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada com o intuito de tornar a educação básica brasileira mais igualitária. Desta forma, as crianças brasileiras terão o direito de conhecer os conteúdos escolares disponíveis nas grades curriculares e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades, atitudes e comportamentos adequados aos padrões sociais, os quais incentivam e promovem uma convivência ética diante das situações adversas existentes na vida diária.

As competências socioemocionais previstas na BNCC (BRASIL, 2018), remetem ao autoconhecimento, capacidade para gerenciar as próprias emoções, aprendizagem de habilidades sociais, e desenvolvimento de empatia, respeito, tomada de decisão responsável e relações interpessoais positivas, gerenciando os componentes éticos que norteiam a sociedade. Estas competências estão integradas às competências gerais da educação básica, promovendo o desenvolvimento pleno do estudante em aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

A BNCC enfatiza que as competências socioemocionais são fundamentais para que os alunos se desenvolvam em sociedade e que tenham a oportunidade de receber uma formação ética, cidadã e humana.

O interrogante central da pesquisa se traduz na seguinte questão: Quais os pressupostos básicos das competências socioemocionais que devem fundamentar o cotidiano dos professores da Educação Fundamental I?

Acreditamos que a escola, em especial o professor e o profissional da educação, ao adotar uma postura mais integrada ao contexto social dos alunos, poderá diminuir a distância entre a

realidade em que a criança está inserida e o ambiente escolar, atendendo melhor às expectativas dos atores sociais envolvidos no processo educativo.

A arte de educar, tradicionalmente associada ao papel dos pais, pode ser reforçada pela escola através de uma parceria efetiva, promovendo uma educação integral que vai além do conteúdo acadêmico.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, o qual "se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa" (Soares, 2019, p. 169).

A pesquisa qualitativa tem uma dimensão mais complexa e subjetiva, ao considerar as relações entre os sujeitos em um determinado contexto, envolvendo "significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (Minayo, 2002, p. 21-22).

Enfatizando tais aspectos, a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para o desenvolvimento do processo, apoiando teoricamente o objeto de estudo analisado e construindo novas dimensões de conhecimento ao trazer a superfície questões que abordam conteúdos, significativos e de forma aprofundada, de acordo com a perspectiva do pesquisador em buscar revisar e obter informações atualizadas, para melhor situar e discutir todas as características possíveis que englobam o tema.

Ressalta-se que é importante fazer uso desta abordagem para contribuir na aproximação direta do pesquisador com o seu campo de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As competências socioemocionais assinaladas pela BNCC estão alinhadas com os cinco eixos do modelo criado pela organização *Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning* (CASEL). A aprendizagem de habilidades socioemocionais é resultado de mais de duas décadas de estudos e hoje está, cada vez mais, presente nos planos pedagógicos de instituições de ensino ao redor do mundo.

Muito deste avanço se deve ao trabalho do CASEL, uma organização internacionalmente reconhecida sem fins lucrativos, que reúne pesquisadores, professores e outros profissionais da área educacional. Seu principal objetivo é demonstrar os benefícios da *social and emotional learning* (SEL), ou seja, da aprendizagem socioemocional, promovendo uma educação integral que combina habilidades acadêmicas, sociais e emocionais. Esta abordagem visa preparar jovens para os desafios do mundo moderno, por meio do desenvolvimento de competências como empatia, resiliência, responsabilidade e consciência social (CASEL, 2020).

O CASEL foi fundado em 1994, em Chicago-EUA, por um grupo de estudiosos que reconheceu o impacto da educação socioemocional como forma de transformar a sociedade. Desde então, a organização tem promovido programas baseados em evidências, pesquisas e práticas colaborativas para disseminar o SEL em instituições de ensino ao redor do mundo. Uma das suas principais contribuições é o *CASEL Framework* (CASEL, 2020), que define cinco eixos de competências inter-relacionadas, para guiar a aprendizagem socioemocional nas escolas. Estas competências, além de promoverem o desenvolvimento acadêmico, social e emocional, devem envolver também famílias e comunidades.

EIXOS	HABILIDADES	EXPLICAÇÃO
1. Autoconsciência (<i>Self-awareness</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Integrar identidades pessoais e sociais; • Identificar os valores pessoais, culturais e linguísticos; • Identificar as próprias emoções; • Demonstrar honestidade e integridade; • Vincular sentimentos, valores e pensamentos; • Examinar preconceitos e inclinações; • Experimentar autoeficácia; • Desenvolver uma mentalidade de crescimento; • Desenvolver interesses e um senso de propósito; 	A autoconsciência ajuda os indivíduos a reconhecerem suas próprias emoções e como elas influenciam seus comportamentos. Também promove o entendimento de pontos fortes e limitações, essenciais para o alcance de objetivos pessoais.
2. Autogerenciamento (<i>Self-management</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Gerenciar as próprias emoções. • Identificar e utilizar estratégias para o autocontrole. • Demonstrar autodisciplina e automotivação. • Estabelecer metas pessoais e coletivas. • Utilizar habilidades de organização e planejamento. • Demonstrar o valor de tomar a iniciativa. • Exibir disposição para agir tanto individualmente quanto em grupo. 	O autogerenciamento envolve a capacidade de lidar com emoções, controlar impulsos e manter a disciplina para alcançar metas. Essa habilidade reduz o estresse e promove a resiliência e a motivação.
3. Consciência Social (<i>Social awareness</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Adotar a perspectiva dos outros. • Reconhecer as qualidades e fortalezas das outras pessoas. 	Ter consciência social é desenvolver empatia, respeito à diversidade e compreensão do próximo,

	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar empatia e compaixão. • Mostrar preocupação com os sentimentos dos outros. • Compreender e expressar gratidão. • Identificar normas sociais diversas. • Reconhecer demandas e oportunidades presentes em diferentes contextos. • Entender as influências de organizações e sistemas sobre os comportamentos individuais. 	considerando suas dificuldades e contextos culturais. Isso fomenta a inclusão e a construção de comunidades mais justas.
4. Habilidades de Relacionamento (<i>Relationship skills</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicar de forma eficaz. • Desenvolver relações positivas. • Demonstrar competência cultural. • Praticar o trabalho em equipe e a resolução colaborativa de problemas. • Resolver conflitos de maneira construtiva. • Resistir à pressão social negativa. • Demonstrar liderança em grupos. • Defender os direitos dos outros. 	Essa competência capacita os indivíduos a estabelecer e manter relações saudáveis e produtivas. Inclui comunicação eficaz, gerenciamento de conflitos e cooperação em diversos contextos sociais.
5. Tomada de Decisão Responsável (<i>Responsible decision-making</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar curiosidade e mentalidade aberta. • Identificar soluções para problemas pessoais e sociais. • Fazer julgamentos sensatos após analisar informações. • Antecipar e avaliar as consequências das próprias ações. • Reconhecer que o pensamento crítico é útil dentro e fora da escola. • Avaliar os impactos pessoais, interpessoais, comunitários e institucionais. 	Refere-se à habilidade de fazer escolhas éticas e construtivas, considerando as consequências de decisões para si e para os outros. Essa competência é fundamental para formar cidadãos responsáveis e engajados socialmente.

Fonte: Casel (2020)

Os cinco eixos incluem diversas competências e habilidades socioemocionais que entrelaçam e se complementam, sendo a autoconsciência o fio condutor que perpassa todos os outros eixos. Assim, convém analisar de forma mais específica, cada um deles.

2.3.1 Autoconsciência

Competência fundamental para o desenvolvimento humano, a autoconsciência desempenha um papel central na estruturação das habilidades socioemocionais. Esse eixo perpassa todos os outros, sendo o ponto de partida para o reconhecimento de si, seus próprios interesses, valores e capacidades. À medida que há um despertar para o saber de si (Foucault, 2014), reconhece-se a necessidade de gerenciar as próprias emoções, pensamentos e comportamentos, a fim de alcançar diversos objetivos. Desse modo, a autoconsciência permite à pessoa compreender-se em relação ao mundo e aos outros, promovendo um ciclo de aprendizado contínuo que integra aspectos psicológicos, filosóficos e educacionais.

O autoconhecimento remonta às máximas socráticas, como o célebre "Conhece-te a ti mesmo". Sócrates, ao valorizar a introspecção e o diálogo como ferramentas para a autoexploração, lançou as bases para uma reflexão sobre a natureza humana que permanece atual (Platão, 2019).

Kant (2017), em sua filosofia moral, amplia esse conceito ao afirmar que o autoconhecimento não é apenas um exercício introspectivo, mas um meio de reconhecer as responsabilidades éticas, que o indivíduo tem consigo e com a sociedade.

Foucault (2014), aborda o autoconhecimento como um processo de construção identitária influenciado pelo contexto sociocultural. Para Foucault, o saber de si é mediado por relações de poder e práticas discursivas, sugerindo que o indivíduo constrói sua identidade a partir de narrativas que o cercam.

A autoconsciência está intimamente ligada ao conceito de inteligência emocional. Goleman (2011) destaca que a autoconsciência é o pilar inicial da inteligência emocional, uma vez que compreender as próprias emoções é essencial para regulá-las e, conseqüentemente, para gerenciar relações interpessoais.

Para Goleman (2011), as emoções desempenham um papel crucial na condução e motivação das ações humanas, fornecendo a energia necessária para enfrentar desafios que muitas vezes transcendem as capacidades do intelecto. Eventos significativos, como a perda de um ente querido, a construção de uma família ou a perseverança em um empreendimento, exigem diferentes emoções que orientam as ações adequadas para lidar com tais situações. Cada emoção estabelece uma predisposição única para agir, direcionando os indivíduos em caminhos que historicamente demonstraram ser eficazes na superação dos desafios recorrentes da existência humana.

As emoções acumuladas ao longo da vida, em associação a fatores externos, moldam comportamentos que favorecem o relacionamento interpessoal e a resolução de problemas. Por exemplo, o medo pode desencadear reações variadas, dependendo do contexto.

Na sociedade contemporânea, caracterizada por uma alta incidência de violência urbana, as emoções relacionadas ao medo têm gerado comportamentos adaptativos, como o uso de sistemas de segurança, a instalação de grades e portões em residências, o aumento das alturas dos muros e, em alguns casos, a posse de armas de fogo. Esses comportamentos, muitas vezes, são desencadeados após experiências traumáticas que deixam marcas emocionais tão profundas que qualquer situação similar é suficiente para provocar uma reação aparentemente coerente com o

contexto traumático. Um exemplo emblemático, citado por Goleman (2011, p. 30), ilustra a tragédia que pode advir de reações emocionais automáticas:

Foi uma tragédia de erros. Matilda Crabtree, 14 anos, apenas deu um susto no pai: saltou de dentro de um armário e gritou 'Buu!', quando os pais voltavam, à uma da manhã, de uma visita a amigos. Mas Bobby Crabtree e a mulher achavam que Matilda estava em casa de amigas naquela noite. Ouvindo ruídos ao entrar em casa, Crabtree buscou sua pistola calibre 357 e foi ao quarto dela investigar. Quando a filha pulou do armário, ele lhe deu um tiro no pescoço. Matilda Crabtree morreu doze horas depois. Um legado emocional da evolução é o medo que nos mobiliza para proteger nossa família contra o perigo; esse impulso levou Crabtree a pegar a arma e vasculhar a casa em busca do intruso que pensava estar rondando por ali. O medo incitou-o a atirar antes de registrar perfeitamente no que atirava, mesmo antes de reconhecer a voz da filha.

Reações automáticas como essa estão profundamente gravadas no sistema nervoso humano, um legado do período pré-histórico em que tais respostas eram essenciais para a sobrevivência e a perpetuação da espécie. Durante este período, decisões instintivas e rápidas muitas vezes determinavam a vida ou a morte, contribuindo para a evolução de predisposições genéticas que favoreceram a proteção da prole e a continuidade da espécie (Goleman, 2011).

Ao longo da história, a sociedade desenvolveu leis, códigos de ética e comportamentos que buscam conter as emoções impulsivas, colocando a razão como mediadora das ações humanas. Famílias, escolas e instituições sociais têm desempenhado papéis fundamentais na tentativa de equilibrar a emoção e a razão, estabelecendo princípios morais e éticos que orientem comportamentos mais racionais e menos impulsivos. No entanto, mesmo com princípios bem estabelecidos, reações emocionais frequentemente prevalecem sobre a razão, especialmente quando associadas a experiências traumáticas passadas.

Goleman (2011) explica que a maneira como avaliamos encontros pessoais e respondemos a eventos é moldada não apenas pelo julgamento racional, mas também pela história de vida, pela memória e pelas experiências ancestrais. Esses registros emocionais podem se manifestar como padrões de reação, muitas vezes trágicos, particularmente em contextos em que situações adversas são recorrentes. Na sociedade contemporânea, marcada por rápidas mudanças e altos níveis de estresse, é comum que as pessoas vivam em um estado de "transe emocional", no qual respostas irracionais e reativas se sobrepõem à análise crítica e racional dos conflitos.

Este panorama evidencia a importância de um equilíbrio entre emoção e razão, não apenas para a construção de comportamentos mais conscientes, mas também para a promoção de um bem-estar emocional que transcenda os legados históricos e as tendências trágicas moldadas pela evolução e pelas experiências pessoais.

A competência de “vincular sentimentos, valores e pensamentos” é essencial ao eixo da autoconsciência, pois promove a integração das dimensões emocionais, éticas e cognitivas do ser humano. Este processo é crucial para o autoconhecimento e o desenvolvimento de uma visão crítica sobre si mesmo e o mundo. Ele exige um diálogo interno, que articule as emoções com os valores culturais e éticos, orientando os pensamentos em direção a escolhas e ações mais conscientes e coerentes.

Os sentimentos são manifestações subjetivas que expressam a maneira como o indivíduo experimenta o mundo. São estados emocionais que, como defende Goleman (2011), não apenas orientam as decisões, mas também servem como um guia para a ação, ao fornecerem a energia necessária para enfrentar desafios.

Por outro lado, os valores representam princípios éticos e culturais que norteiam as escolhas humanas, dando significado às ações e às interações sociais. Segundo Ventura (2024), o autoconhecimento ou autoconsciência é a capacidade de reconhecer cuidadosamente nossos valores, pensamentos e sentimentos, compreendendo como eles influenciam nosso comportamento. Esta habilidade permite uma avaliação realista das próprias limitações e pontos fortes, promovendo o crescimento pessoal.

A conexão entre sentimentos e valores é central para a formação da consciência ética. Enquanto os sentimentos conferem autenticidade e profundidade à experiência humana, os valores fornecem critérios de avaliação que orientam os pensamentos e ações. O ato de vincular essas dimensões possibilita o desenvolvimento de uma postura reflexiva e responsável, onde os pensamentos são moldados por um equilíbrio entre emoção e racionalidade.

Morin (2003) destaca a importância de “repensar o pensamento” como meio de integrar diferentes dimensões do saber. Para ele, o pensamento humano deve ser continuamente revisado, reavaliado e enriquecido. Morin (2003; 2018) destaca a necessidade de superar visões fragmentadas da realidade, propondo uma abordagem interdisciplinar que integre sentimentos, valores e pensamentos em um processo dinâmico de reflexão.

Morin (2003; 2018) argumenta que a autoconsciência não pode ser desenvolvida isoladamente, mas deve estar inserida em um contexto que considere as interações do indivíduo com o mundo. Sob esse prisma, o pensamento deve dialogar consigo mesmo, promovendo uma autoavaliação constante, que questione premissas e preconceitos. Isso reforça a ideia de que os valores devem ser revisados à luz de novos sentimentos e experiências, permitindo uma adaptação mais ética e autêntica às circunstâncias.

No contexto da educação, Morin (2018) enfatiza a importância de um ensino que promova a inteligência geral, capaz de contextualizar e integrar conhecimentos de forma multidimensional e global. Deste modo, o pensamento deve armar-se e aguerrir-se para enfrentar a incerteza, reconhecendo tanto as oportunidades quanto os riscos envolvidos. Isto implica na necessidade de uma reforma do pensamento, que permita enfrentar os desafios da complexidade e da incerteza no mundo contemporâneo.

A integração de sentimentos, valores e pensamentos é crucial para a formação ética e cidadã dos alunos. De acordo com Arantes e Pinheiro (2024), práticas educacionais voltadas à formação ética devem considerar a interrelação entre emoções, valores e cognição, promovendo uma atuação voltada para o bem pessoal e coletivo.

O autoconhecimento se constrói por meio da análise dos próprios sentimentos e pensamentos, levando à autorregulação, que, “por sua vez, consiste nos mecanismos usados pelo indivíduo para controlar suas reações emocionais e comportamentais frente a fontes de estimulação positiva ou negativa” (Linhares; Martins, 2015, p. 256). Neste sentido, vincular sentimentos e valores aos pensamentos permite ao indivíduo avaliar suas escolhas e ajustar suas ações de maneira a alcançar objetivos alinhados aos seus princípios éticos.

De acordo com Freire (2013), o ato de educar deve envolver não apenas o intelecto, mas também o coração. Freire defende que a educação crítica requer a vinculação entre os sentimentos do educando, seus valores éticos e suas reflexões, de modo a promover uma conscientização transformadora. Esta abordagem é central para desenvolver cidadãos, que sejam capazes de compreender e agir sobre as complexidades do mundo contemporâneo.

Parra (2024) destaca que a capacidade de refletir sobre as próprias emoções e comportamentos é fundamental para a gestão eficaz das interações em sala de aula e para a promoção de um ambiente de aprendizagem saudável. Isto implica em proporcionar momentos de interação, estímulo à curiosidade investigativa, atividades de autopercepção e acolhimento às próprias emoções.

2.3.2 Autogerenciamento

Compreendido como a capacidade de gerenciar as próprias emoções, o autogerenciamento requer o desenvolvimento de habilidades de autocontrole, autodisciplina e automotivação. Envolve a capacidade de conviver, de forma assertiva, tendo clareza das próprias emoções, pensamentos e metas (CASEL, 2020). Para tanto, demonstra uma competência desenvolvida de

autogerenciamento, a pessoa que tem clareza dos objetivos individuais e coletivos, planeja, organiza e toma iniciativas pensadas e estruturadas. Isto implica em um processo constante de conhecer-se e regular-se mediante os eventos externos, tendo a resiliência e a motivação, como elementos de equilíbrio.

No âmbito da psicologia humanista, Carl Rogers (2021) enfatiza a importância do processo de autoatualização, no qual o indivíduo busca compreender quem é em essência, para realizar seu potencial máximo. A partir desta perspectiva, o autogerenciamento é um componente indispensável para promover a saúde mental e o bem-estar emocional.

Rogers (2021), um dos principais teóricos da psicologia humanista, introduziu o conceito de autorrealização como a tendência inata do ser humano em desenvolver todo o seu potencial. Para ele, a autorrealização é um processo contínuo de crescimento e evolução pessoal, no qual o indivíduo busca compreender e expressar sua verdadeira essência.

No contexto da Terapia Centrada na Pessoa, Rogers enfatiza a importância de criar um ambiente terapêutico que favoreça esse processo de autorrealização. Elementos como a aceitação incondicional positiva, a empatia e a congruência são fundamentais para que o cliente se sinta seguro e encorajado a explorar suas experiências e sentimentos mais profundos. A aceitação incondicional positiva refere-se à capacidade do terapeuta de aceitar o cliente como ele é, sem julgamentos ou críticas. Essa aceitação permite que o cliente se sinta valorizado e respeitado, facilitando a exploração de suas emoções e experiências sem medo de rejeição (Araújo; Freire, 2014).

A empatia, por sua vez, envolve a capacidade do terapeuta de compreender profundamente os sentimentos e perspectivas do cliente, colocando-se no lugar dele. Essa compreensão profunda ajuda o cliente a se sentir compreendido e validado, o que é essencial para o processo de autoconhecimento e autorrealização (Araújo; Freire, 2014). A congruência, ou autenticidade, refere-se à capacidade do terapeuta de ser genuíno e transparente na relação terapêutica. Isso significa que o terapeuta não deve esconder seus próprios sentimentos e pensamentos, mas sim ser honesto e aberto. A congruência ajuda a construir confiança e a criar um ambiente de segurança emocional, essencial para o processo terapêutico (Pereira, 2009).

A autodisciplina e a automotivação são essenciais para a realização de tarefas complexas e para a manutenção do foco em objetivos de longo prazo (Borges, 2024). Estudos realizados por Maia (2024) indicam que a prática de atividades como o xadrez pode contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades, promovendo o autocontrole de impulsos e a ética. Ao

engajar-se no jogo, os estudantes são incentivados a refletir sobre suas ações, controlar impulsos e tomar decisões estratégicas, promovendo, assim, um ambiente propício ao desenvolvimento dessas competências.

Maia (2024) argumenta que o xadrez, ao exigir concentração e planejamento, contribui para a autorregulação emocional dos alunos, permitindo que lidem melhor com frustrações e desafios. Além disso, o jogo estimula a ética e o respeito mútuo, uma vez que os participantes devem seguir regras e reconhecer as jogadas dos adversários de maneira justa.

Outra habilidade inerente ao autogerenciamento, é a capacidade de estabelecer metas pessoais e coletivas. Aliada ao uso de habilidades de planejamento e organização, permite que o indivíduo direcione seus esforços de maneira estruturada, aumentando a probabilidade de sucesso. A adoção de estratégias de organização do tempo e de recursos é fundamental para a concretização de objetivos, tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo.

2.3.3 Consciência social

O domínio da Consciência Social (CASEL, 2020) refere-se à capacidade de compreender e respeitar as perspectivas alheias, reconhecer e apreciar as qualidades dos outros, demonstrar empatia e compaixão, identificar normas sociais diversas e compreender as dinâmicas organizacionais e sistêmicas que influenciam comportamentos individuais. Adotar a perspectiva dos outros implica a habilidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo suas emoções, pensamentos e pontos de vista. Essa competência é essencial para a construção de relacionamentos interpessoais saudáveis e para a promoção de ambientes colaborativos.

Reconhecer as qualidades e fortalezas das outras pessoas envolve a valorização das habilidades e características positivas dos indivíduos ao nosso redor. De acordo com Durlak *et al.* (2011), essa prática contribui para a formação de uma cultura de apreciação e respeito mútuo, fortalecendo vínculos sociais e promovendo o bem-estar coletivo.

Demonstrar empatia e compaixão vai além da compreensão cognitiva das emoções alheias, englobando uma resposta emocional que leva ao desejo de ajudar ou confortar o outro. A empatia afetiva é fundamental para a coesão social e para a promoção de comportamentos altruístas. Guerra e Bradshaw (2008) sugerem que indivíduos com alta capacidade empática apresentam maior propensão a engajar-se em ações de apoio ao próximo.

Mostrar preocupação com os sentimentos dos outros denota sensibilidade e atenção às emoções alheias, reconhecendo a importância de validar e respeitar essas experiências

emocionais. Esta competência é crucial para a construção de ambientes inclusivos e respeitosos, onde todos se sintam valorizados e compreendidos.

Quanto à habilidade de compreender e expressar gratidão, implica reconhecer e valorizar as contribuições e gestos positivos recebidos dos outros, expressando agradecimento de maneira genuína. A prática da gratidão está correlacionada com o aumento do bem-estar subjetivo e com a melhoria das relações interpessoais.

Identificar normas sociais diversas refere-se à capacidade de reconhecer e compreender as regras e expectativas que regem comportamentos em diferentes contextos culturais e sociais. Essa competência é essencial para a navegação eficaz em ambientes multiculturais e para a promoção de interações respeitosas e adaptativas. A sensibilidade às normas sociais diversas contribui para a redução de mal-entendidos e para a promoção da inclusão (Marin *et al.*, 2017).

A respeito da capacidade de reconhecer demandas e oportunidades presentes em diferentes contextos, implica na habilidade de avaliar e interpretar as necessidades e possibilidades que emergem em variados ambientes sociais. Essa competência permite uma adaptação flexível e eficaz às circunstâncias, facilitando a tomada de decisões informadas e a identificação de oportunidades de ação. A adaptabilidade às demandas contextuais é considerada uma habilidade crucial para o sucesso em ambientes dinâmicos e complexos (Lipnevich; Roberts, 2012).

Por fim, quanto à habilidade de entender as influências de organizações e sistemas sobre os comportamentos individuais implica uma compreensão crítica de como estruturas sociais, políticas e econômicas moldam atitudes e ações. Esta competência é fundamental para a promoção de mudanças sociais positivas e para o engajamento em práticas que visem à justiça e à equidade. A consciência das influências sistêmicas permite uma atuação mais informada e eficaz na busca por transformações sociais (Guerra; Bradshaw, 2008).

O desenvolvimento da Consciência Social, conforme delineado pelo modelo CASEL, é vital para a formação de indivíduos capazes de interagir de maneira empática, respeitosa e eficaz em uma sociedade plural e interconectada. A promoção destas competências no contexto educacional contribui para a construção de comunidades mais coesas, justas e solidárias.

A consciência social, enquanto um dos pilares da aprendizagem socioemocional, transcende o entendimento individualista e se articula com a compreensão das estruturas coletivas, culturais e éticas que moldam as interações humanas. Em uma perspectiva mais

ampla, envolve a capacidade de perceber criticamente as condições sociais e as dinâmicas de poder que configuram a realidade, promovendo ações transformadoras.

Para Bauman (2021), no contexto da fragilidade dos vínculos sociais e da prevalência de relações efêmeras e mercantilizadas, a consciência social é um elemento disruptivo, pois desafia a indiferença e a desumanização promovidas pela lógica do consumo. Sob esse prisma, a ética da responsabilidade pelo outro é um fundamento indispensável para a reconstrução de uma comunidade. A capacidade de adotar a perspectiva alheia e demonstrar empatia, portanto, não é apenas um exercício individual, mas um esforço coletivo para resistir à fragmentação social.

De acordo com Bauman (2021), a fragmentação social é o resultado da dissolução de redes comunitárias tradicionais e da crescente ênfase no individualismo. Na “modernidade líquida”, os indivíduos são compelidos a priorizar seus interesses pessoais em detrimento do coletivo, em um movimento que desestabiliza as conexões interpessoais e cria uma sensação de isolamento. As relações humanas, antes sustentadas por compromissos duradouros, tornam-se descartáveis, moldadas pelas exigências do mercado e pela lógica do consumo. Essa “liquidez” impede a formação de vínculos sólidos, fomentando a insegurança e a desconfiança entre as pessoas.

Bauman (2021) observa que a fragmentação social tem consequências profundas nas dimensões ética, política e cultural da sociedade. A ausência de laços sólidos contribui para a erosão da solidariedade, minando a capacidade coletiva de enfrentar desafios sociais. Além disso, a fragmentação promove a indiferença em relação ao sofrimento alheio, uma vez que o “outro” deixa de ser visto como parte de uma comunidade compartilhada, tornando-se um estranho ou um concorrente. Esta desconexão é amplificada por sistemas econômicos, que valorizam o desempenho individual e a competitividade, relegando as dimensões humanas e comunitárias a um plano secundário.

Um elemento central da fragmentação social, segundo Bauman (2021), é a transformação das relações humanas em relações de consumo. Na modernidade líquida, as interações sociais são frequentemente avaliadas com base em seu valor utilitário. Esta perspectiva pragmática enfraquece as estruturas comunitárias e aprofunda a sensação de alienação e de falta de pertencimento.

Tal percepção amplia o entendimento sobre a consciência social, como uma clareza sobre o ser e estar no mundo (Freire, 2003; 2011). A prática educativa é, nesse sentido, um espaço para o desenvolvimento da consciência social, pois possibilita a reflexão sobre as relações de poder e a articulação de ações emancipatórias (Freire, 2011). Estudos recentes (Santos *et al.*, 2024) reforçam

essa perspectiva, destacando o papel da educação na construção de uma autonomia crítica capaz de impulsionar mudanças estruturais.

Em uma sociedade desigual, a luta pela prevalência da democracia, reivindicando direitos humanos e criando caminhos para a equidade social, os estudos de Rancière (2023) despontam com reflexões que perpassam a dimensão política da consciência social. ao propor que a igualdade não deve ser vista como um objetivo distante, mas como um pressuposto ético de qualquer interação humana.

Para Rancière (2023) o reconhecimento da igualdade de inteligências e capacidades é a base para a construção de uma comunidade democrática e para a superação de hierarquias excludentes. Nesse sentido, a consciência social exige não apenas o reconhecimento das diferenças, mas o engajamento ativo na construção de espaços de inclusão e justiça. Assim, salienta, que é fundamento aos professores, reconhecer essas dimensões políticas e sociais, que fazem da educação escolar um recurso de fortalecimento da desigualdade, para criar meios que favoreçam o ensino sob uma perspectiva de consciência social e emancipação humana.

De forma similar, Colares, Fonseca e Colares (2021) refletem sobre o papel da prática docente no processo de transformação social, apontando que a pedagogia deve ir além da transmissão de conhecimentos, tornando-se um espaço de construção coletiva de significados e de emancipação. Essa visão reforça a ideia de que a consciência social não é uma habilidade isolada, mas um componente essencial para a cidadania ativa.

2.3.4 Habilidades de relacionamento

As habilidades de relacionamento constituem um dos eixos fundamentais do modelo CASEL (2020), englobando competências essenciais para a interação social eficaz e harmoniosa. Estas habilidades são cruciais para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e produtivos em diversos contextos sociais e profissionais. Este domínio engloba 7 habilidades (Quadro 1) as quais envolvem comunicação ativa, eficaz e dialógica, em um processo de compartilhamento de ideias, estendendo-se para a capacidade de resolver problemas. Destacam-se as habilidades inerentes à liderança, que implica em autoestima elevada, autoconhecimento, consciência de si e do outro, e capacidade de conviver e atuar em grupo (Santos, 2018).

A comunicação eficaz é a capacidade de transmitir e receber mensagens de maneira clara e compreensível, facilitando a compreensão mútua entre os interlocutores. A comunicação interpessoal é fundamental para o funcionamento organizacional, influenciando diretamente a

motivação e a liderança dentro das equipes. A habilidade de expressar ideias claramente e ouvir ativamente contribui para a construção de ambientes colaborativos e produtivos (Medeiros *et al.*, 2019).

Quando o professor mantém e fortalece o clima escolar de forma respeitosa, afetiva e valoriza a importância do controle das emoções, estimula também uma comunicação clara e respeitosa, promovendo o equilíbrio entre os objetivos pessoais e entre os grupos de alunos, acrescentando harmonia e propiciando um ambiente dialógico de trocas para que os alunos se sintam à vontade para expressar suas percepções e experiências (Ventura, 2024, p. 116).

A comunicação em contexto escolar, é o elemento fundamental pelo qual as pessoas interagem. E quanto mais clara, envolva em um clima de respeito, empatia e consciência de si e do outro, maiores as possibilidades de se estabelecer relações interpessoais mais positivas. Esta habilidade, por sua vez, implica estabelecer e manter conexões interpessoais baseadas em confiança, respeito mútuo e empatia. Segundo o CASEL (2020), essa competência é essencial para a formação de vínculos afetivos de apoio, permitindo que indivíduos interajam de maneira saudável em diversos ambientes e grupos.

Sob esse prisma, reconhece-se uma aproximação entre família e escola, como espaços onde esses vínculos afetivos são fundantes para o desenvolvimento humano, como esclarece Perez (2019, p. 24).

Crianças, adolescentes, jovens e adultos habitam a escola e a família. As crianças ingressam cada vez mais cedo na unidade escolar e a frequentam diariamente por muitos anos. No seio familiar, todos convivem em um espaço constituído por laços que podem ser consanguíneos ou não. Em ambas as instituições estabelecemos vínculos afetivos. Elas se assemelham por abrir o mundo para nós e nos “capacitar” para seguirmos com autonomia na vida. Também são semelhantes por nos mostrar quem somos e nos revelar as regras de convivência.

Destaca-se nesta reflexão de Perez (2019), a autonomia como consequência de laços afetivos positivos, que se configuram como apoio para que cada sujeito aprenda, ensine e compartilhe suas ideias, preferências e visão de mundo.

Para isso, a equipe escolar pode propor a sua comunidade vivências lúdicas, de interação e de socialização, visando o desenvolvimento da empatia, do convívio com a diversidade, do autoconhecimento, da disputa positiva em jogos, da construção de referenciais de respeito e valorização do humano, contribuindo para o pleno exercício da cidadania (Perez, 2019, p. 134).

Sob esse viés, a escola emerge como um espaço cultural, onde a identidade se constrói. A comunicação enquanto exercício cultural, transcende à medida que é estimulada em um clima lúdico, de respeito e valorização de si e do outro. Para tanto, convém compreender como a competência cultural se entrelaça às habilidades de relacionamento.

A competência cultural refere-se à habilidade de interagir eficazmente com pessoas de diferentes origens culturais, reconhecendo e respeitando as diversidades existentes. Essa competência é vital em sociedades cada vez mais multiculturais, permitindo que indivíduos naveguem por contextos sociais diversos com sensibilidade e respeito (CASEL, 2020).

Os processos de ensino e aprendizagem devem ser desenvolvidos, respeitando a cultura de cada grupo social, cada comunidade, enquanto diferenças que devem ser valorizadas, estimulando o compartilhamento de experiências. Entretanto, convém ampliar também as perspectivas dos alunos, oferecendo saberes que possibilitam expandir o olhar para diferentes culturas, de outras regiões, de outros lugares. Assim, se constrói uma percepção mais relativizada sobre a sociedade.

Cabe ainda, aos educadores, compreender que a competência cultural implica na superação da consciência ingênua para uma consciência crítica (Freire, 2011), entendendo as desigualdades, as relações de poder e como os aspectos culturais podem ser utilizados para a perpetuação das desigualdades.

A esse respeito, Pierre Bourdieu (2011) introduziu o conceito de "capital cultural" para caracterizar o conjunto de conhecimentos, habilidades e disposições adquiridos por meio da socialização e do processo educacional. De acordo com o autor, o capital cultural exerce uma influência determinante na forma como os indivíduos são avaliados e classificados em contextos como a educação formal e o mercado de trabalho. Neste sentido, a competência se apresenta como um conceito complexo e multifacetado, suscetível a diferentes abordagens analíticas e frequentemente permeado por ambiguidades.

Deste modo, à medida que se amplia a percepção sobre o capital cultural, a diversidade cultural e a cultura como um aspecto identitário de pertencimento, maiores as possibilidades de se desenvolver uma competência cultural, permeada pela convivência produtiva.

O trabalho em equipe e a resolução colaborativa de problemas, outras habilidades inerentes à competência cultural, envolvem a capacidade de cooperar com outros para alcançar objetivos comuns, aproveitando habilidades complementares e promovendo a sinergia do grupo. Barroso (2023) enfatiza que líderes eficazes devem possuir habilidades estratégicas que

influenciam positivamente o ambiente de trabalho, facilitando a colaboração e a resolução de problemas de forma conjunta.

A resolução construtiva de conflitos é a habilidade de abordar e solucionar desentendimentos de forma que todas as partes envolvidas se sintam ouvidas e respeitadas. Líderes com inteligência emocional são capazes de antecipar e resolver conflitos eficazmente, mantendo a coesão da equipe e promovendo um ambiente de trabalho colaborativo (Goleman, 2011).

Resistir à pressão social negativa implica a capacidade de manter comportamentos e decisões alinhados com valores pessoais, mesmo diante de influências externas que incentivem ações contrárias. Essa competência é fundamental para a integridade pessoal e para a manutenção de relacionamentos saudáveis, permitindo que indivíduos ajam de acordo com suas convicções éticas (Barroso, 2023).

A liderança em grupos envolve a capacidade de guiar, motivar e influenciar positivamente os membros de uma equipe para alcançar objetivos comuns. Santos (2018) destaca que a liderança eficaz auxilia não apenas no sucesso da entidade, mas também na convivência e resolução de conflitos que possam surgir entre os membros do grupo.

2.3.5 Tomada de decisão responsável

A tomada de decisão responsável constitui um dos eixos centrais do modelo CASEL (2020), referindo-se à capacidade de realizar escolhas éticas e construtivas, considerando as consequências dessas decisões para si e para os outros. Esta competência é fundamental para a formação de cidadãos responsáveis e socialmente engajados. Esse eixo é composto por 5 competências associadas.

A curiosidade e a mentalidade aberta são essenciais para a aprendizagem contínua e a adaptação a contextos diversos. Segundo Motta e Romani (2019), estas características promovem a disposição para explorar novas ideias e perspectivas, facilitando a resolução de problemas e a inovação. A educação socioemocional desempenha um papel crucial no desenvolvimento dessas habilidades, preparando os indivíduos para interações mais empáticas e compreensivas.

A habilidade de identificar soluções para desafios pessoais e sociais é vital para o bem-estar individual e coletivo. O programa de educação socioemocional tem demonstrado analisado por Motta e Romani (2019) demonstra uma eficácia no aprimoramento dessas competências, capacitando os indivíduos a enfrentar adversidades de maneira proativa e ética.

Quanto à capacidade de realizar julgamentos sensatos, baseia-se na análise crítica de informações disponíveis. A formação ética e democrática é fundamental para o desenvolvimento dessa competência, permitindo que os indivíduos tomem decisões informadas e responsáveis em diversos contextos sociais (Freire, 2011).

Antecipar e avaliar as consequências das próprias ações é uma habilidade que reflete maturidade e responsabilidade. A ética orienta a tomada de decisões, conduzindo à reflexão sobre as implicações de comportamentos individuais e coletivos (Quevedez *et al.*, 2024).

O reconhecimento da utilidade do pensamento crítico em diversos âmbitos da vida é essencial para a formação cidadã. A educação para a cidadania e a consciência dos direitos promovem o desenvolvimento de habilidades críticas, preparando os indivíduos para participações sociais mais ativas e conscientes (Zaganelli; Coura, 2019).

A avaliação dos impactos das ações em diferentes níveis — pessoal, interpessoal, comunitário e institucional — é crucial para decisões éticas e responsáveis. O desenvolvimento de competências socioemocionais, como a empatia e a responsabilidade social, contribui para a compreensão das consequências das ações individuais no tecido social (Marques *et al.*, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As competências socioemocionais são fundamentais para a formação de indivíduos éticos, críticos e socialmente engajados. O desenvolvimento destas habilidades por meio da educação socioemocional contribui para a construção de uma sociedade mais justa e consciente, onde as decisões são tomadas com responsabilidade e consideração pelo bem estar coletivo.

A BNCC incentiva o desenvolvimento de tais competências para preparar os alunos não só academicamente, mas também para a vida em sociedade. Elas evidenciam a habilidade de gerenciar as próprias emoções, conhecer-se e conhecer o outro, tendo em vista uma autoconsciência e consciência do outro no mundo. É fundamental que gestores escolares e professores compreendam estes conceitos, para formar indivíduos colaborativos, resilientes e socialmente responsáveis.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de forma semelhante, define as competências socioemocionais, ressaltando a sua importância para o desenvolvimento individual e organização social, como explicita:

Habilidades sociais e emocionais são um subconjunto das habilidades, atributos e características de um indivíduo que são importantes para o sucesso individual e o funcionamento social. Elas abrangem disposições comportamentais, estados internos,

abordagens para tarefas e gerenciamento e controle de comportamento e sentimentos. Crenças sobre si mesmo e o mundo que caracterizam os relacionamentos de um indivíduo com os outros também são componentes de habilidades sociais e emocionais. Habilidades sociais e emocionais desempenham um papel importante no desenvolvimento de crianças e adolescentes e, combinadas com o desempenho acadêmico e habilidades cognitivas, representam um conjunto holístico de habilidades essenciais para o sucesso na escola e na vida adulta (OECD, 2021, p. 22)³.

Com estas palavras, a OCDE apresenta uma compreensão abrangente das habilidades sociais e emocionais, destacando-as como um conjunto essencial de atributos que influenciam tanto o sucesso individual quanto o funcionamento social dos indivíduos. Ao definir estas habilidades como um subconjunto de competências que englobam não apenas disposições comportamentais, mas também estados internos, abordagens para tarefas e o gerenciamento das próprias emoções e comportamentos, a OCDE reconhece a complexidade dessas competências e sua interação com diferentes aspectos da vida de uma pessoa (OECD, 2021).

A ênfase nas crenças sobre si mesmo e sobre o mundo, que moldam os relacionamentos interpessoais, é um ponto crucial, pois sugere que as habilidades sociais e emocionais não se limitam a um conjunto de técnicas ou reações visíveis, mas também envolvem uma dimensão mais profunda, relacionada à percepção de identidade e ao modo como os indivíduos se posicionam em relação ao outro. Esse entendimento reforça a ideia de que a competência socioemocional vai além da simples capacidade de lidar com emoções, incluindo também a maneira como estas emoções e percepções impactam os processos de interação social e a construção de vínculos.

Além disso, a OCDE sugere que o desenvolvimento destas habilidades é fundamental para crianças e adolescentes, associando sua importância não só ao contexto escolar, mas também à formação de uma base sólida para a vida adulta. Ao combinar habilidades cognitivas com o desempenho acadêmico, ela reforça a ideia de que o sucesso escolar e o desenvolvimento emocional não são domínios separados, mas componentes integrados, de habilidades essenciais para o sucesso na escola e, posteriormente, na vida adulta. Esta visão holística reconhece a interdependência entre o aspecto cognitivo e o socioemocional, sugerindo que, para o desenvolvimento integral dos indivíduos, é necessário promover tanto o aprendizado acadêmico quanto o emocional, de forma equilibrada e simultânea (OECD, 2021).

Tal abordagem se alinha com a BNCC, evidenciando o quanto as competências socioemocionais são essenciais para o sucesso de cada indivíduo e da sociedade como um todo.

³ Tradução nossa

Ao incluir estas competências de forma mais estruturada e intencional nas políticas educacionais e nos currículos escolares, há intencionalidade de preparar os estudantes para enfrentar os desafios da vida adulta de maneira mais equilibrada e consciente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. C.; FREIRE, J. C. Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. **Rev. abordagem Gestalt**, v. 20, n. 1, p. 86-93, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2024.

BARROSO, G. H. S. **Competências de liderança e trabalho em equipe**. Dissertação (Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos) Instituto Politécnico de Setubál - IPS, Escola Superior de Ciências Empresariais, Setubál, 2023. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/48521/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final_Glaciane%20Barroso_18021712.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 19 nov. 2024.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Nova edição. Editora Zahar, 2021.

BOURDIEU, P. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social**. México: Siglo XXI, 2011.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CASEL. **MARCO DE SEL DE CASEL: ¿Cuáles son las áreas de competencias principales y dónde se promueven?**. 2020. Disponível em: <https://casel.s3.us-east-2.amazonaws.com/CASEL-Wheel-Spanish.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

COLARES, M. L. I. S.; FONSECA, A. D.; COLARES, A. A. A educação no processo de transformação social: refletindo sobre a prática docente. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e021003, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660256>. Acesso em: 17 nov. 2024.

COURA, Alexandre de Castro; ZAGANELLI, Juliana Costa. Educação para a cidadania e consciência dos direitos e deveres fundamentais. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, Belo Horizonte, v. 22, n. 44, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas>. Acesso: 15 nov. 2024

DIAS, D.; BARROSO, R. Envolvimento parental na escola: perspectivas de pais e filhos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e242143, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tt4rYPfRvFCNpsnTtFdTBpC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2024.

DURLAK, J. A. *et al.* The impact of enhancing students' social and emotional learning: a meta-analysis of school-based universal interventions. **Child development**, v. 82, n. 1, p. 405-432, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21291449/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, M. **O cuidado de si: história da sexualidade.** v. 3. Editora: Paz e Terra, 2014.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GUERRA, N. G.; BRADSHAW, C. P. Linking the prevention of problem behaviors and positive youth development: core competencies for positive youth development and risk prevention. **New Dir Child Adolesc Dev**, Winter, n. 122, p. 1-17, 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19021244/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KANT, I. **Crítica da razão prática.** Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.

LIPNEVICH, A.; ROBERTS, R. D. Noncognitive skills in education: Emerging research and applications in a variety of international contexts. **Learning and Individual Differences**, v. 22, n. 2, p. 173-177, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257454964_Noncognitive_skills_in_education_Emerging_research_and_applications_in_a_variety_of_international_contexts. Acesso em: 19 nov. 2024.

MAIA, E. X. **O jogo de xadrez como ferramenta didático-pedagógica para trabalhar habilidades socioemocionais na alfabetização matemática.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2024.

478

MARIN, A. H. *et al.* Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 92-103, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2024.

MARQUES, L. do N. *et al.* Evidências de validade de conteúdo de uma medida de competências socioemocionais para crianças e adolescentes. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 24, e72560, nov. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/386140934_Evidencias_de_Validade_de_Conteudo_de_uma_Medida_de_Competicencias_Socioemocionais_para_Crianças_e_Adolescentes. Acesso em: 28 nov. 2024.

MEDEIROS, J. M. de *et al.* Gestão de pessoas: Comunicação interpessoal, motivação e liderança. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 04, Ed. 10, v. 04, p. 49-61, out. 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/motivacao-e-lideranca>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8 ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2 ed. Brasília: Cortez, 2018.

MOTTA, P. C.; ROMANI, P. F. A educação socioemocional e suas implicações no contexto escolar: uma revisão de literatura. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 49, p. 49-56, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752019000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2024.

OECD. **Beyond Academic Learning: First Results from the Survey of Social and Emotional Skills,** OECD Publishing, Paris, 2021. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2021/09/beyond-academic-learning_46cf4e15/92a11084-en.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

PARRA, A. M. M. **Identidade moral do professor: intuição, autoconsciência e projeto de vida.** Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-22102024-153656/publico/ANDREIA_MORAIS_MAGLIANO_PARRA_rev.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 17 nov. 2024.

PEREIRA, L. G. de C. **Psicoterapia Centrada na Pessoa: evidências empíricas do processo de reintegração da personalidade, observadas em estudo de caso.** Monografia (Graduação em Psicologia) Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília – DF, jul. 2009. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3023/2/20311263.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates.** Trad. de Edson Bini. Editora: Edipro, 2019.

QUEDEVEZ, G. R. *et al.* Educação, ética e democracia: desafios para a formação de cidadãos críticos e participativos. **Revista Roda De Conversa**, v. 1, n. 3, out. 2024.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante.** 3 ed. II reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROGERS, C. R. **Client Centered Therapy.** 70th anniversary edition. Editora Robinson Press, 2021.

SANTOS, A. N. S. dos *et al.* “Consciência, autonomia e transformação”: a educação como catalisador da transformação social e da consciência crítica na perspectiva de Paulo Freire. **Observatório De La Economía Latinoamericana**, [S. l.], v. 22, n. 9, p. e6729, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/6729>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOARES, S. de J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 1, n. 3, pp. 168-180, jan./dez. 2019.

VENTURA, L. F. **Percepções dos discentes e docentes em relação ao desenvolvimento socioemocional no processo de ensino e aprendizagem de formação técnica profissional.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) Universidade de Taubaté, Taubaté – Sp, 2024. Disponível em: https://mpe.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2024/Luiz-Fernando-Ventura.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 nov. 2024.